



DISCIPULADO BÍBLICO: ORIGEM, SIGNIFICADO E IMPLICAÇÕES

  Érico Tadeu Xavier ^{1,*}

  João Luiz Marcon ²

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar as origens do discipulado, bem como seu significado para o Cristianismo e as implicações ao cristão. Sob o método de revisão de bibliografia, a temática busca refletir o discipulado a partir das Escrituras Sagradas e de autores cujos estudos demonstram sua relevância para o seguidor de Cristo. Assenta-se que o discípulo cristão é, mais do que um aprendiz do seu mestre, um seguidor de Cristo. O discipulado tal como evidenciado por Cristo traz algumas implicações na vida do cristão, já que ser discípulo requer a total obediência e submissão à vontade de Deus, exige o desprendimento dos bens materiais, assim como carregar a cruz de Cristo desligando-se do eu, ouvir atentamente a todos ao seu redor, para que, pelo exemplo e pela palavra, possa ocorrer a evangelização.

Palavras-chave: Discipulado. Implicações. Evangelização.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the origins of discipleship, as well as its significance for Christianity and its implications for Christians. Using a literature review method, the theme seeks to reflect on discipleship based on the Holy Scriptures and authors whose studies demonstrate its relevance for followers of Christ. It is established that the Christian disciple is, more than a learner of his master, a follower of Christ. Discipleship as exemplified by Christ has some implications for the life of Christians, since being a disciple requires total obedience and submission to God's will, detachment from material goods, carrying the cross of Christ by detaching oneself from the self, and listening attentively to everyone around them so that, through example and word, evangelization can occur.

Keywords: Discipleship. Implications. Evangelization.

¹ Doutor em Teologia, professor e coordenador do Curso de Teologia da Faculdade Malta, Brasil. E-mail: etxacademico@gmail.com.

² Doutorando em Teologia, Diretor e docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Faculdade Adventista do Paraná, Brasil. E-mail: joao.marcon7@hotmail.com.

Submissão: 02/2025

Aceite: 10/2025

***Autor correspondente:**

etxacademico@gmail.com

Como citar

XAVIER, E. T.; MARCON, J. L. Discipulado bíblico: origem, significado e implicações. **Práxis Teológica**, volume 21, número 1, e-2313, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e2345>.



INTRODUÇÃO

O discipulado é um importante aspecto da vida cristã nem sempre bem compreendido pelos cristãos modernos. Embora muitos compreendam que ser discípulo significa ser seguidor de Cristo, a complexidade do tema requer uma reflexão mais aprofundada sobre aspectos essenciais derivados desse entendimento.

O objetivo deste artigo é analisar as origens do discipulado, bem como seu significado para o Cristianismo e as implicações ao cristão. Sob o método de revisão de bibliografia, busca-se refletir a seu respeito a partir das Escrituras Sagradas e de autores cujos estudos demonstram a relevância do tema para o seguidor de Cristo.

Para compreender o que é discipulado e suas implicações aos seguidores de Cristo, este trabalho apresenta uma breve descrição da origem e significado do termo “discípulo”. Em seguida, propõe um estudo sobre o discipulado no Antigo e no Novo Testamento e analisa as implicações da temática para o cristão.

O TERMO “DISCÍPULO”

O termo “discípulo” vem do latim *discipulus*. No primeiro século, significava “aluno” ou “aprendiz” e era usado com frequência no mundo filosófico para referir-se ao aluno de um filósofo. O equivalente exato do termo grego *mathetes* e usado no Novo Testamento tem a mesma ideia (DOCKERY, 2001, p. 634).

O termo é utilizado nas Escrituras Sagradas tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, com o diferencial de que, no Antigo Testamento, era empregado em sua forma básica, “aprendiz”. Tanto *limmûd*, discípulo, ou aquele que é ensinado (Is 8.16), como *talmîd*, estudante, discípulo (I Cr 25.8), trazem a ideia de aprendiz, quem é treinado ou ensinado (HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 791).

Na Septuaginta, o termo *mantháno* é empregado 40 vezes e, em sua maioria, sem significado teológico. O seu uso teológico tem como finalidade não se esquecer da bondade de YHWH, prestar atenção à vontade de YHWH e, assim, não abrir mão de sua eleição e das promessas divinas da salvação (cf. Dt 6:6-12; 8:17; 9:4-6; 11:1). Israel precisa aprender a obedecer e a levar a efeito a vontade revelada de Deus (Dt 4:10; 14:23; 17:19; 31:12-13). Em cada um desses textos, o objetivo de *mantháno* é “temer ao Senhor Deus” (COENEN; BROWN, 2000, p. 582).

Em Isaías 8:16 e em 1 Crônicas 25:8, cujo sentido é de “aprendiz”, o mesmo significado é percebido nos escritos dos filósofos e dos rabinos judeus. Entre os filósofos, discípulo era a pessoa que estava ligada ao seu mestre, pelo ensino. O aluno/aprendiz não precisava necessariamente seguir o mesmo caminho do seu mestre. Já o termo *mathetes* – discípulo, aluno – na Septuaginta se encontra somente nas leituras alternativas de Jeremias 13:21; 20:11; 26:9, e, assim, tem pouco significado (COENEN; BROWN, 2000, p. 582).

Tanto nas escolas dos rabinos quanto nas escolas filosóficas gregas, o discípulo decidia por juntar-se ao mestre, tornando-se participante da “escola”, aceitando ser discipulado segundo os

ensinamentos do mestre ou rabino por ele escolhido. O objetivo principal dos discípulos, nesse caso, era também se tornar um mestre, separando-se daqueles que lhes ensinavam para terem seus próprios discípulos. O aluno grego *mathetes* e o *talmîd* rabínico se apegavam pessoalmente ao seu mestre, esperando ensinamentos objetivos que lhes possibilitariam alcançar o grau de mestre (ALLMEN, 2001). Não apenas o rabino, mas o discípulo, *talmîd*, tiveram sua procedência na relação entre o judaísmo e a filosofia grega (COENEN; BROWN, 2000, p. 583).

No Novo Testamento, o fator decisivo para que alguém se tornasse discípulo de Cristo era o Seu chamado (Mt 4:18-25). Jesus lançou mão dessa iniciativa e chamou os homens para aceitarem o discipulado (Mc 1:16-20; 2.14; Jo 1:43). Conforme Dockery (2001), no Novo Testamento, um discípulo era a pessoa que havia conhecido a Jesus e acreditado em Sua palavra, tornando-se um seguidor, determinado a modificar sua vida, suas atitudes por amor ao Mestre, levando outros a seguirem a Cristo da mesma forma.

Um discípulo era: 1. Alguém que se tornou crente (At 11:26); 2. Alguém que se tornou um aprendiz de Cristo, seu seguidor ou aluno; 3. Um crente disposto a sofrer e adotar um estilo de vida sacrificial por amor a Jesus Cristo (Lc 14:26, 27, 33); 4. Alguém que cumpre a obrigação básica de ser discípulo – fazer mais discípulos (Mt 28:19-20). Isso inclui levá-los à fé em Jesus Cristo no batismo e foi instruído na comunidade da fé. (DOCKERY, 2001, p. 634).

De acordo com Watson (*apud* RABEY; RABEY, 2004, p. 37-38), o termo “discipular” aparece pouco no Novo Testamento, porém a palavra “discípulo” é encontrada mais de 200 vezes, sendo também utilizada para designar grupos que seguiam pessoas influentes ou ideologias. Pode-se citar, por exemplo, os “discípulos de Moisés”, citados em João 9:28, e os “seguidores de João Batista”, citados em Atos 6:1; 9:1,25; 11:29; 21:16, e outros, como os fariseus, que sequer podiam ler as Escrituras sem o consentimento de seu mestre. Segundo o autor, dentre os grupos existentes, o que mais se aproximava do discipulado de Cristo eram os discípulos de João Batista, pois estes agiam como seu mestre e permaneceram fiéis mesmo quando este foi preso.

Allmen (2001, p. 146) explica ainda que no Novo Testamento “o termo discípulo se estende de maneira geral aos cristãos [...] equivalente a ‘irmão’ ou ‘crente’”. Trata-se de um uso muito sintomático, porquanto prova mais uma vez que a palavra discípulo implica fé incondicional naquele que é o Senhor”.

DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO

O termo “discipulado” se diferencia no Cristianismo do uso comum aos filósofos e rabinos. Conforme lembra Bueno ([s.d.]), sua definição, proveniente do original grego, possui vários significados quando considerada em aspectos gerais e específicos. A palavra *Akolouteo* significa seguir, no sentido de uma ação de resposta ao chamado do Mestre para uma vida reformulada em obediência a Ele. No Antigo Testamento, essa palavra grega correspondia a *halak* (ir atrás de). No Novo Testamento, ela é usada 56 vezes nos Evangelhos Sinóticos, 14 vezes em João, 3 vezes em Atos, uma vez em Paulo e 6 vezes no Apocalipse. Tem uso frequente para designar as multidões que

seguiram a Jesus, contudo sua importância é relevante quando vinculada a pessoas que seguiam o Mestre.

Nesse caminho, segundo o autor, o termo grego *mathetes* (discípulo) refere-se à pessoa que se junta a um mestre para ser discipulado. Esse vínculo se referia, no contexto filosófico, à ligação para adquirir conhecimento prático e teórico. No Antigo Testamento, o discípulo tinha um relacionamento forte com seu mestre, especialmente no judaísmo rabínico, em que o relacionamento entre aluno e professor se tornava uma instituição voltada ao estudo detalhado da Torá. No Novo Testamento, o termo passou a significar devoção total a alguém, de quem o discípulo recebia conhecimento e deveria estar disposto a servir.

De acordo com Monteiro (2004), discipulado tem a ver com a ordem de Cristo: “vão e façam discípulos” ou, “indo, discipulai”. Essa sentença apresenta os verbos *poreuthentes* (indo) e *mathêteusate* (fazei discípulos), cuja importância para a missão da igreja é destacada pelo autor:

Poreuthentes [...] tem o sentido de “ir a uma jornada, ou viagem, transferir-se, tomar por um caminho, partir” e também “passar de um lugar para outro atravessando fronteiras”. Percebe-se logo a importância que esses dois verbos, “indo” (*poreuthentes*) e “fazei discípulos” (*mathêteusate*) possuem para a compreensão da tarefa missionária da igreja, pois da maneira como foram colocados na sentença original indicam uma ação sumária que deve ser logo realizada [...]. (MONTEIRO, 2004, p. 17).

Nesse sentido, o discipulado é exercido mediante a ação de fazer discípulos, ou seja, a missão não é apenas ir, mas, enquanto estão indo, fazer discípulos, proclamando, batizando, ensinando, testificando de Cristo, ensinando outros também a serem discípulos, vivendo como tais e capacitando-se para fazer mais discípulos (RASO, 2011).

De modo específico, relacionado ao Cristianismo,

O termo “discípulo”, na verdade, identifica também um leal seguidor de Jesus, alguém que nasceu de novo, se uniu à Igreja, descobriu seus dons espirituais, aceitou uma atividade compatível com seus dons na igreja local e está interessado em desempenhar seu papel sem qualquer motivação humana externa. E discipular, por outro lado, é fazer discípulos, o que implica um relacionamento de mestre-aluno conforme o modelo de Jesus em Seu ministério terrestre. Isto exige uma transformação de mente, coração e vontade, uma mudança no estilo de vida e no caráter, possível pela fé no sangue de Cristo. (MONTEIRO, 2004, p. 20).

Em síntese, de acordo com Raso (2011, p. 467), “discípulo é o que estabelece uma relação pessoal com seu mestre, criando com esse uma relação de encontro, dependência, aprendizagem e crescimento”. Fazer discípulos, por sua vez, é colocar em ação o discipulado, transmitindo a experiência de ser um discípulo e ensinando a outros a estabelecerem também uma relação pessoal com o mestre, mediante o ensino e a capacitação de quem está sendo ensinado.

DISCIPULADO NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento encontram-se princípios de discipulado em diferentes situações, como, por exemplo, na relação de treinamento entre Elias e Eliseu (I Rs 19:19-21) e entre Baruque e Jeremias (Jr 36:26; 43:3). Tal relacionamento permitia que aquele que ficasse no lugar de um líder, por exemplo, fosse capacitado para tal função, sendo treinado e preparado para assumir o cargo quando o seu tempo de liderar chegasse.

Outro exemplo de discipulado para liderança no Antigo Testamento foi o de Moisés, Josué e Calebe. Moisés discipulou aquele que iria sucedê-lo, Josué, acompanhando-o, treinando-o e preparando-o para a responsabilidade que assumiria. Segundo Swindoll (2000, p. 359), “quem era qualificado para ocupar o lugar de Moisés? Só dois homens possuíam as credenciais necessárias. Só dois líderes haviam tido anos de treinamento junto a Moisés e observado a mão de Deus na vida do povo, a saber: Calebe e Josué”.

Os ensinamentos no Antigo Testamento eram transmitidos de modo especial na escola dos profetas. White (2007a, p. 438) comenta que ali “acariciava-se um espírito de devoção. Não somente se ensinava aos estudantes o dever de orar, mas ensinava-se-lhes como orar, como se aproximar de seu Criador, como exercer fé nEle, e como compreender os ensinamentos de Seu Espírito e obedecer-lhes”.

Barbosa (2012, p. 1), apresenta um resumo do discipulado exercido nessas escolas:

Essa escola teria sido organizada por Samuel, que acumulou o ministério de profeta, sacerdote e Juiz (I Sm. 10.5; 19.20). Elias e Eliseu foram os responsáveis pela consolidação da escola dos profetas, a contribuição deles fez com que essa escola funcionasse como resistência à apostasia que havia se estabelecido no reino do norte (II Rs. 2.3; 4.38; 6.1). A escola dos profetas estava fundamentada no ensinamento bíblico, por isso as instruções eram tanto morais quanto espirituais. Não era uma escola apenas para dotar os alunos com conhecimento, mas, sobretudo, para que esses tivessem uma profunda experiência com Deus. Os profetas não aprendiam apenas conteúdo bíblico, eles também eram inseridos no sobrenatural, nos milagres de Deus. A escola dos profetas foi estabelecida em Ramá, e provavelmente, em Gibeá (I Sm. 19.20; 10.5,10). Centros de estudos também estavam espalhados em Gilgal, Betel e Jericó (II Rs. 4.38; 2.3,5,7,15; 4.1; 9.1). Cerca de cem estudantes faziam parte da escola dos profetas comandada por Eliseu em Gilgal (II Rs. 4.38,42,43). Quando Elias e Eliseu foram ao rio Jordão encontrava-se com eles cinquenta estudantes da escola dos profetas (II Rs. 2.7,16,17). O estilo de vida deles era em comunidade, em uma casa comum, na companhia dos profetas (II Rs. 6.1). Alguns deles eram casados e tinham filhos (II Rs. 4.1) e acompanhavam os homens de Deus, por isso eram chamados de filhos dos profetas. A escola dos profetas dava também aos estudantes uma formação musical, a fim de que pudessem oferecer ao Senhor música de qualidade para a adoração a Deus (I Sm. 10.5).

De acordo com White (2007a, p. 437), as escolas dos profetas proviam instrução para os jovens e, “se um jovem desejava examinar mais profundamente as verdades da Palavra de Deus, e buscar sabedoria de cima, a fim de que pudesse tornar-se um mestre em Israel, tais escolas lhe estavam abertas”.

O profeta Isaías também faz referência aos seus discípulos: “liga o testemunho, sela a lei entre os meus discípulos” (Is 8:16). Para Barros (1969), esse versículo mostra que, vendo sua orientação rejeitada pelo rei e pela nação de Israel, que preferiram a proteção do rei da Assíria, Isaías se retiraria momentaneamente da vida pública e se dedicaria à instrução de seus discípulos, os quais passariam a constituir o grupo fiel, o “resto” apegado a Deus.

Contudo, de acordo com esse autor, a importância do discipulado no Antigo Testamento não se restringia às escolas dos profetas ou a formar lideranças.

Há muitos outros exemplos no Antigo Testamento de uma pessoa investindo a sua vida no outro. Os homens do povo de Israel sempre procuraram passar para as gerações futuras todas as orientações necessárias para a vida. Eles ensinavam através das palavras e pelo exemplo de vida diante daqueles que eram os aprendizes. No Antigo Testamento existe um ensino amplo e claro do grande valor em reproduzir nas gerações futuras os recursos necessários para uma vida bem-sucedida, seja espiritual ou física. Quando houve falha, o povo sofria consequências amargas e derrotas. Também encontramos a própria pessoa de Deus ensinando homem a homem os conceitos essenciais para o mundo em que eles viviam. (BARROS, 1969, p. 50).

Conquanto esse formato de discipulado tivesse sido eficiente na época, o Senhor Jesus adotou novo método, propondo-se a escolher, preparar e educar homens para que viessem a cuidar da Sua igreja, como veremos a seguir.

DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

O discipulado no Novo Testamento tem fundamento no formato ensinado pelo Mestre Jesus, analisado a partir de Sua vida, exemplo, missão e mandamento. Conforme exposto acima, o discipulado de Cristo se diferenciava dos filósofos e rabinos em diversos aspectos. A princípio temos a questão da chamada de discípulos por Jesus, a qual era o fator decisivo para que os homens aceitassem o discipulado (Mt 4:18-22; Lc 9:59-62).

Para Monteiro (2004, p. 19), o chamado de Jesus é o tema principal para o discipulado, “ou seja, pessoas são convidadas a seguir o Mestre. Jesus aprovou pessoalmente o chamado de cada seguidor. [...] Em cada momento, Ele observou o caráter de cada um e foi caso a caso burilando”.

Jesus não chamou várias pessoas para um teste de seleção e então separou aqueles que iria discipular; ou ainda convidou várias pessoas, e somente 12 aceitaram a proposta que fizera. Ao contrário, chamou aqueles que se tornariam Seus discípulos de forma incondicional, seguindo-O para a totalidade de sua vida. Conforme salientam Coenen e Brown (1984), o discípulo deveria separar-se incondicionalmente de tudo e de todos, durante toda a sua vida (Mt 10:37-38; Mt 10:24-25; Mc 3:31-35; Lc 9:57-62; 14:26-27; Jo 11:16).

Os homens podem dar consentimento intelectual e fazer profissão verbal, mas ser um discípulo exige mais do que isso; é necessária a “fé que atua pelo amor” (Gl 5:6) para seguir a Jesus. E seguir a Jesus implica novos compromissos que se antepõem aos antigos, como os primeiros discípulos exemplificaram por sua experiência:

primeiro, creram em Jesus e tornaram-se Seus seguidores; então envolveram-se completa e totalmente com a pessoa dEle até que absorvessem Suas maneiras, palavras e gestos, colocando destarte em segundo plano suas ocupações usuais ou seculares ou mesmo abandonando-as. (MONTEIRO, 2004, p. 20).

O discípulo estava, assim, vinculado a Jesus durante o Seu ministério terrestre, e deveria, literalmente, “seguir” o Mestre, aceitando a situação de renúncia, andando com Cristo e cumprindo a vontade de Deus (Mt 13:46-50; Mc 3:31-35).

Diferentemente dos rabinos e filósofos, após o chamado os discípulos eram convidados a criar um relacionamento que implicava comprometimento e missão comuns ao Mestre. Não se tratava de um relacionamento de aprendizagem do qual os discípulos poderiam se separar do mestre posteriormente; antes, deveriam se comprometer a viver tudo aquilo que o Mestre lhes ensinasse, reconhecendo-O não somente como seu professor, mas, especialmente, como seu Senhor, o que implicava uma mudança total de vida, na qual o “eu” deixava de reinar para dar lugar ao senhorio de Jesus, Aquele que governaria todos os aspectos da vida de Seu discípulo. Como explicam Coenen e Brown (1984, p. 665), “isto significa que durante o ministério terrestre de Jesus, o discípulo tinha, bem literalmente, de seguir a Jesus, e, seguir atrás d’Ele e aceitar a situação de renúncia, de perambular com Ele”.

Segundo Allmen (2001), a diferença entre o relacionamento dos alunos com seu mestre, no discipulado rabínico e no discipulado de Cristo, aponta para uma vida de comunhão, de relacionamento próximo e íntimo. Os primeiros pretendiam tornar-se mestres também, já os discípulos de Jesus deveriam seguir o Mestre, aprender com Ele e se transformar em testemunhas vivas de Seus ensinamentos e vida, compartilhando de Sua missão.

Bueno ([s.d.]) afirma que um olhar mais profundo a respeito do discipulado cristão permite concluir que o estilo de Jesus apresentava princípios claros e distintos. O discipulado, para Cristo, não se baseava no conhecimento acadêmico ou intelectual, na transmissão de puro conhecimento, e, sim, no relacionamento. Conforme Marcos 3:14, Jesus “designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar”. Essa atitude de separar alguns para conviverem pessoalmente com Ele demonstra que o estilo ou modo de vida de Cristo seria impregnado na vida e no relacionamento dos discípulos, ou seja, eles participariam, provariam e testemunhariam da Sua vida, Seu ministério, suas obras e Seus milagres.

Para Allmen (2001), embora aparentemente Jesus possa estar rodeado de alunos, o discipulado difere também na forma de apresentar os ensinamentos. Os discípulos judeus, mesmo que aprendam por intermédio dos rabinos e escribas, são “discípulos de Moisés” (Jo 9:28), ou seja, recebem os ensinamentos por ele deixados. Por outro lado, os discípulos de Jesus não apenas aprendem do Mestre, mas compartilham o destino de seu Senhor, aprendendo Sua doutrina e aderindo, mediante a fé, à Sua missão pessoal de salvação pela morte e ressurreição.

O discípulo partilhando o destino de seu Senhor será chamado, também ele, a sofrer, e Jesus sentiu a necessidade de advertir os seus a este respeito (Mt 10:24s; Mc 8:34s; Lc 14:26; Jo 12:25s) [...]. Depois que Cristo for elevado à glória, eles continuarão vivendo à espera de sua volta real (Mt 24:25ss; 22:14ss; Lc 12:35ss e 42). (ALLMEN, 2001, p. 145).

Segundo Monteiro (2004), o tipo de relacionamento que o discípulo tem com Jesus é de plenitude, de real compromisso com a missão. Ao estabelecer como condição para segui-Lo o negar-se a si mesmo e tomar a sua própria cruz, Jesus ensina que a relação seguidor-mestre está implícita no discipulado. Esse relacionamento é de identificação, obediência e compromisso.

Outro aspecto interessante encontrado no discipulado dado por Jesus é o fato de Ele não falar somente o que Seus discípulos deveriam fazer, mas também incentivar a prática do que Ele ensinava. Ortiz (1980, p. 121) comenta que, “ao invés de ensinar-lhes fórmulas para guardarem no cérebro, ele lhes dava tarefas concretas para realizarem e eles obedeciam”.

A proposta do Mestre era além da vivência relacional (Mc 3.8), a descoberta pelos próprios discípulos dos mistérios do Reino de Deus através das parábolas (Mt 13.1-52), o conhecimento de uma intimidade jamais declarada por Jesus às multidões, mas somente aos discípulos como no monte da transfiguração (Mt 17.1-8). Além disto a prática de ministério também era um ponto forte. Os discípulos necessitavam ser confrontados até mesmo com os endemoninhados (Mt 17.14-21). A prática da oração era algo essencial (Mt 26.36-46) e conjugado com esta, o próprio Jesus mantinha um ministério pastoral entre os mesmos, expressado especialmente no último contato com Simão Pedro (Jo 21.15-23). (BUENO, [s.d.], p. 8).

O discipulado ensinado por Jesus era, portanto, muito mais que absorção de conhecimento intelectual; era vivenciado, na prática, de forma pessoal. Jesus se interessava pelas pessoas, evangelizava, mantinha contatos pessoais, produzia transformações na vida de todos com quem entrava em contato, como se pode ver no encontro com Nicodemos (Jo 3:1-21), com a mulher samaritana (Jo 4:1-30) e com o paralítico (Jo 5:1-15). Embora focasse a realidade do pecado na vida das pessoas, não as deixava sós, pois Seu discipulado tinha a ver com misericórdia, tanto para com os pecadores (Jo 8:1-11) quanto para com os sofredores (Jo 9). “Em todos os casos, Jesus sempre enfocava seu ministério discipulador de maneira muito pessoal e relacional” (BUENO, [s.d.], p. 9).

Analisando o método de ensino de Cristo, Macdonald (1979, p. 6-8) identificou sete elementos, chamados por ele de “termos do discipulado estabelecidos pelo Salvador do mundo”. De forma resumida, esses termos são:

Supremo amor por Jesus, uma vez que o nosso amor a Cristo deve ser tão grande, que todos os outros amores são como ódio em comparação; abnegação, entendida como tão completa submissão ao senhorio de Cristo que o ego não tem nenhum direito ou autoridade; deliberada escolha da cruz, sendo que a cruz não é nenhuma fraqueza física ou angústia mental; essas coisas são comuns a todos os homens. A cruz é um caminho escolhido deliberadamente; vida que se passa seguindo a Cristo; fervente amor por todos os que pertencem a Cristo, amor que leva o crente a considerar os outros melhores do que ele; perseverança em Sua Palavra, sem desvios, Cristo quer para Si os que O sigam com obediência constante; abandono de tudo para segui-Lo, renúncia de todas as posses materiais não absolutamente essenciais, e que poderiam ser empregadas na propagação do Evangelho. (MACDONALD, 1979, p. 6-8).

Nos elementos identificados por Macdonald, nota-se a profundidade do relacionamento do discípulo com seu mestre. Quando se analisam os evangelhos, vê-se que os 11 discípulos de Jesus se

enquadram nesses termos, já que todos deixaram suas vidas comuns para seguir e amar o Salvador do mundo de forma incondicional e até sofreram por amor ao Seu mestre, algo que Jesus já lhes havia antecipado que viria a acontecer: “Lembraí-vos da palavra que vos disse: Não é o servo maior do que o seu senhor. Se a mim me perseguiram também vos perseguirão a vós” (Jo 15:20).

Ele tomou a iniciativa de convidar pessoas para segui-Lo, quando as chamou primeiramente a si próprio e não apenas ao seu ensino, quando esperava delas total obediência, quando as ensinou a servir e as advertiu que iriam sofrer e quando reuniu ao seu redor um grupo diversificado de pessoas comuns, obviamente Ele estava criando um padrão único e radical de discipulado. (RABEY; RABEY, 2004, p. 37-38).

O modo de Jesus discipular requeria que os discípulos O aceitassem. Como já mencionado, ele chamava a cada discípulo para Segui-Lo. A multidão de pessoas que o ouviam era também chamadas de discípulos, porém Cristo se certificava de que as pessoas não O seguissem pelas razões erradas. Conforme assinala Lloyd-Jones (1935), muitas vezes Jesus perguntava aos que O seguiam por que eles haviam tomado essa decisão ou comentava sobre a questão, parecendo preocupado em não atrair pessoas que não tinham convicção do que faziam.

Jesus examinava Seus seguidores, pois sabia que muitos O seguiam por Ele preencher suas necessidades, pelo *status* da religião, pela comodidade e segurança, pela esperança de mudança no mundo. Contudo, Ele falou diversas vezes que muitos poderiam usar Seu nome, mas não serem reconhecidos por Ele (Mt 7:21-23), ou aos que queriam segui-Lo por razões diversas das que Ele buscava advertiu que não o fizessem (Mt 8:18-20) ou que não pusessem pretextos para o chamado (Mt 8:21-22).

Segundo o autor, Jesus queria que as pessoas entendessem o que significava segui-Lo: ostracismo, renúncia às coisas que mais valorizavam na vida. Cristo queria que Seus seguidores se certificassem de que sabiam “exatamente o que significa discipulado cristão” (LLOYD-JONES, 1935, p. 3).

AS IMPLICAÇÕES DO DISCIPULADO

Conforme exposto, o Senhor Jesus mostrou em Sua vida o exemplo de como devemos observar o discipulado. Nos Evangelhos e nos escritos dos apóstolos são encontrados os princípios que os discípulos de Cristo devem seguir. O discipulado cristão tem diversas implicações que requerem uma compreensão adequada do que significa ser discípulo e da ordem de discipular.

De acordo com Lloyd-Jones (1935), Jesus chama a atenção de cada um que afirma segui-Lo para que “prestem atenção como vocês escutam”, e “examinem-se e esquadrinhem-se a si mesmos”, se realmente apreenderam a verdade e como o fazem, para que não venham a se frustrar diante da realidade do discipulado. Jesus alerta que de 100% das sementes da parábola do semeador (Mt 13:3-23; Lc 8:4-15), somente 25% frutificaram, ou seja, apenas uma pequena parte dos que o seguiam, ouviram e compreenderam o que Ele propunha. Na parábola da rede de peixes (Mt 13:47-49), Jesus adverte que nem todos que O seguem são verdadeiramente discípulos e, em outras passagens, que

muitos o fazem por razões impróprias. Assim como Cristo chamava a atenção para o verdadeiro significado do discipulado, os apóstolos também o fizeram, reiterando a mesma mensagem, para que fosse bem compreendida e despertasse a motivação correta para segui-Lo, tornando-se Seu discípulo.

De acordo com Stott (2011, p. 10), “de alguma forma, deveríamos ter continuado a usar a palavra ‘discípulo’ nos séculos seguintes, para que os cristãos fossem discípulos de Jesus de maneira consciente e levassem a sério a responsabilidade de estar ‘sob disciplina’”.

Em virtude da importância de se compreender bem o significado do discipulado, analisam-se a seguir algumas das suas implicações para o cristão moderno.

Chamados para discipular

O Senhor Jesus “chamou para Si os que Ele quis; e vieram a Ele. E nomeou doze para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar” (Mc 3:13-14). Sobre esse chamado, White (2007b, p. 10) comenta que Ele se propôs preparar e educar homens para que pudessem, por sua vez, educar outros a pregarem a mensagem evangélica. Assim sendo,

Por três anos e meio, estiveram os discípulos sob a direção do maior Professor que o mundo já conheceu. Por associação e contato pessoal, Cristo preparou-os para Seu serviço. Dia a dia, caminhavam a Seu lado, conversando com Ele, ouvindo Suas palavras de ânimo aos cansados e quebrantados, e vendo a manifestação de Seu poder em favor dos doentes e sofredores. Às vezes, Ele os instruí, assentando-Se entre eles junto às montanhas; outras vezes, junto ao mar ou andando pelo caminho, lhes revelava os mistérios do reino de Deus. Onde quer que houvesse corações abertos para receber a divina mensagem, Ele desdobrava as verdades do caminho da salvação.

A partir do exemplo do próprio Cristo, percebe-se que Ele ensinou aos discípulos como deveriam agir, posteriormente, para com o povo e com aqueles que aceitassem o Seu chamado para segui-Lo.

Em sua associação com o Senhor, os discípulos obtiveram um preparo prático para a obra missionária. Viram como Ele apresentava a verdade, e como tratava das complexas questões que surgiram em Seu ministério. Observavam Seu ministério na cura dos doentes, por onde quer que Ele andava; ouviram-No pregar aos pobres. Em nossos dias todos devemos aprender Seus métodos de trabalho. (WHITE, 2007c, p. 109).

Nessa perspectiva, seguindo o exemplo de Cristo e dos Seus discípulos, todos os cristãos são chamados a discipular, pois isso faz parte da missão da Igreja. White (1981, p. 9) foi clara ao dizer que “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário”. Se aquele que recebe a mensagem de Jesus não for discipulado, não entenderá seu papel diante de Deus e não fará novos discípulos, cumprindo a missão designada por Cristo.

Ortiz (1980, p. 116-117) conta que, em determinada época, tentou encontrar na Bíblia a palavra “membro” (referindo-se a pessoas), mas não a encontrou, o que localizou foi o termo

“discípulo”. Conforme o autor, a palavra “membro” não aparece em lugar algum nos registros da igreja primitiva. Mas, no livro de Atos outra palavra se destaca e realmente revoluciona a nossa vida e nossa igreja: “discípulo”. Ou seja, na igreja primitiva todos eram discípulos, e hoje não deveria ser diferente, pois todos aqueles que reconhecem Jesus como Senhor tornam-se Seus discípulos.

Total obediência

Como citado anteriormente, os discípulos de Jesus eram chamados a um total comprometimento com o seu Senhor, e não somente a aprender com ele, como um professor e um aluno. A total obediência é um requisito essencial para o discípulo de Cristo. Em 1 Samuel 15:22, o Senhor afirma: “Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros”.

O padrão de discipulado deixado por Jesus é completamente diferente de qualquer outro, já que envolveu o chamado pessoal, o ensino ao serviço, a total obediência e o comprometimento de sofrer com Ele. O padrão de discipulado de Cristo é radical. Toda a vida do discípulo deve estar sujeita ao senhorio de Jesus, portanto não poderá dizer não ao seu mestre, mas cumprir todas as suas ordens, assim como o próprio Jesus fez. Segundo Vernon (apud RABEY; RABEY, 2004, p. 43), trata-se da atitude de confiante sujeição demonstrada por Jesus quando Ele orou: “não seja feita a minha vontade, mas a tua”. É a renúncia dos nossos sentimentos, desejos, esperanças, sonhos e ambições humanas a fim de que os propósitos de Deus sejam realizados.

Conforme lembra Macdonald (1979, p. 6), é a “abnegação, entendida como tão completa submissão ao senhorio de Cristo que o ego não tem nenhum direito ou autoridade”. Esse padrão não deve ser diferente ao cristão hoje.

Shuler (apud FINLEY, 2009, p. 8), afirma: “não é o suficiente proclamar a mensagem ou mesmo convencer as pessoas da verdade das doutrinas. O propósito da mensagem que pregamos é levar homens e mulheres a obedecerem a Cristo [...]”. A obediência é um traço do discípulo de Cristo, posto que passa a ser praticante da Palavra de Deus, não apenas ouvinte (Tg 1:22-24).

Carregar a cruz de Cristo

Não existe discipulado verdadeiro se o discípulo não estiver disposto a carregar a sua cruz. O próprio Jesus afirma: “E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo” (Lc 14:27).

Essa cruz, conforme realça Macdonald (1979), não é alguma fraqueza física ou angústia mental (essas coisas são comuns a todos os homens); ela é um caminho escolhido deliberadamente, vida que se passa seguindo a Cristo. Por muitas vezes, quando uma pessoa é convidada a seguir a Cristo, o que é apresentado a ela é uma vida sem dificuldades, próspera. Porém, não foi exatamente isso que Jesus prometeu àqueles a quem convidava. Ele dizia: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á,

mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará” (Mc 8:34-35).

O apóstolo Pedro escreveu: “alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo; que nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou malfeitor, ou como o que se entremete em negócios alheios. Mas se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte” (1 Pe 4:13; 15-16). Existe, portanto, um claro contraste entre aqueles que querem somente acompanhar Jesus, e os que decidiram carregar a Sua cruz.

Ele tem muitos seguidores que desejam consolo, mas poucos que suportam a aflição. Ele encontra muitos querendo compartilhar suas refeições, mas poucos que participam do seu jejum. Todos querem ser felizes com Ele; poucos desejam sofrer por Ele. Muitos O seguem para o partir do pão, mas poucos desejam beber do cálice do seu sofrimento. Muitos reverenciam seus milagres; poucos se identificam com a vergonha da Cruz. Muitos O amam enquanto não se deparam com nenhuma adversidade; muitos o louvam e o adoram enquanto estão recebendo algum benefício. No entanto, se Jesus se esconde e os deixa por um momento, eles começam a murmurar ou o rejeitam. Aqueles, ao contrário, que o amam pela sua causa e não pelos benefícios que Ele concede, o louvam em todas as aflições e angústias do coração, da mesma forma que na alegria da consolação. Mesmo que Ele jamais lhes dê algum consolo, eles continuam a louvá-lo e desejam sempre lhe dar graças (KEMPIS, *apud* RABEY; RABEY, 2004, p. 53).

O autor comenta que os que fizerem essa escolha se identificarão com a vergonha da cruz, sofrerão com Cristo, porém louvarão ao Seu senhor independentemente das circunstâncias.

Transmissão de vida

O discipulado não deve ser entendido apenas como uma transmissão de conhecimentos, por meio da qual doutrinas são ensinadas e versículos da Bíblia são decorados e não são colocados em prática; “é uma transmissão de vida” (ORTIZ, 1980, p. 117).

De acordo com Raso (2011), o discipulado requer que a experiência de vida do discípulo seja passada adiante, transmitida a outros, de modo que a outra pessoa estabeleça também com Cristo a mesma relação de mestre-aluno. Ao ordenar que os Seus discípulos fossem e fizessem discípulos (Mt 28:19-20), Cristo destacou que o discipulado é um processo contínuo que não termina com a preparação doutrinal para o batismo, antes é anterior e posterior a este, voltado a capacitar o discípulo a andar de acordo com os ensinamentos de Cristo.

Ainda esse autor afirma que “proclamar, batizar, ensinar, testificar, são aspectos da mesma comissão de fazer discípulos. Não se cumpre com a missão a menos que ela seja feita integralmente. A obra mais importante da igreja é o discipulado” (RASO, 2011, p. 467).

Mediante um preparo adequado, fundamentado em exemplos práticos, o discípulo deve ser habilitado para trabalhar, tanto na igreja, quanto na comunidade, levando a mensagem de salvação. White (1981, p. 59), afirma que “é pela educação e pela prática que as pessoas devem ser habilitadas” e que há necessidade de o discípulo receber orientação de um mestre experiente.

Não somente deve haver ensino, mas trabalho real, sob a direção de instrutores experientes. Que os mestres vão à frente no trabalho entre o povo, e outros unindo-se a eles, aprenderão em seu exemplo. Um exemplo vale mais do que muitos preceitos (WHITE, 1981, p. 59).

Para que isso seja possível, o discípulo deve passar mais tempo com seu mestre, indo a sua casa, observando como ele vive para, assim, aprender também por meio do seu exemplo e imitá-lo (ORTIZ, 1980). O preparo do discípulo pelo exemplo é destacado por Swindoll (2000, p. 359-360):

Há 100 anos ou mais, o homem que se preparava para o ministério nem sempre frequentava um seminário. Ele simplesmente passava a viver na casa de um ministro mais velho, mais experiente, e assimilava pela vida do homem mais idoso os princípios piedosos, as disciplinas de estudo e oração, a sabedoria para tratar com os problemas complexos relacionados ao ministério, e a orientação envolvida na liderança de uma congregação. Ele aprendia o que era necessário vivendo lado a lado, durante um longo período de tempo, com um ministro experiente. Charles Spurgeon treinava habitualmente jovens aos seus pés por assim dizer, e depois os enviava para o ministério.

Os resultados desse tipo de discipulado são muito profundos. No entanto, muitos dos discípulos de Jesus Cristo vivem a filosofia do “faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço”; na verdade, não estão sendo verdadeiramente discípulos, e ao discipular, seus ensinamentos não terão impacto sobre a vida daquele a quem eles estão ensinando, ou talvez tenham, mas de forma negativa, pois quem está sendo discipulado poderá pensar que os ensinamentos de Jesus são somente para ser conhecidos, e não vividos. Atitudes falam mais alto do que palavras. Quando o mestre – no caso, aquele que está discipulando – vive o evangelho de forma integral, suas atitudes impactarão seu discípulo, e este será levado a agir de igual maneira. Assim, como numa reação em cadeia, o discipulado levará a uma transformação de vidas.

White (2004, p. 141) reforça: “Os homens podem combater a nossa lógica, podem resistir a nossos apelos, mas a vida de amor desinteressado é um argumento que não pode ser contradito. A vida coerente caracterizada pela mansidão de Cristo é uma força no mundo”.

Submissão total

O discipulado não acontece se não há submissão. O cristão é chamado a submeter-se a Cristo primeiramente, da mesma maneira como Cristo se submeteu ao Pai: “de sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fp 2:5-8).

A submissão do cristão é também estendida à Igreja e àqueles que nos orientam no discipulado: “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus” (Ef 5:21); “obedecei a vossos pastores, e sujeitai-vos a eles, porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas”

(Hb13:17).

Quando existe a submissão, o mestre pode ajudar seu discípulo a mudar de vida, falando o que a pessoa está fazendo de errado, sem medo de ele/ela sair da igreja. “A primeira lei do discipulado é a seguinte: sem submissão não há formação. Membros de igreja que são do tipo sócio de clube não se submetem. Na realidade, todos eles têm direito de voto dentro do clube” (ORTIZ, 1980, p. 123). O discipulado sem sujeição não é discipulado, pois não existe meio discipulado: ou a pessoa aceita as condições ou não aceita; ou é discípulo, ou não o é.

Desprendimento dos bens materiais

Macdonald (1979, p. 9-10), baseado no versículo “assim, pois, qualquer de vós, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:33), preconiza que um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo abandona tudo o que possui. Para ele, se todos os cristãos abandonassem literalmente tudo o que têm, não faltariam recursos para a obra missionária, os discípulos cooperariam entre si, quando alguém estivesse passando dificuldades, e os missionários não passariam necessidades nos campos. Ou seja, se todos os cristãos tomassem as palavras do Senhor Jesus literalmente, não haveria escassez de recursos financeiros na obra do Senhor, e o Evangelho se propagaria com maior poder e maior volume. Se algum discípulo em particular enfrentasse uma necessidade, os outros teriam o gozo e o privilégio de repartir o que tivessem.

Stott (2011) comenta que o materialismo pode abafar a vida espiritual. Jesus nos adverte a não armazenar tesouros na terra, a não sermos avarentos. O apóstolo Paulo, igualmente, nos impele a desenvolver um estilo de vida simples, generoso e de contentamento, de modo que o foco seja fazer a vontade de Deus, e não acumular riquezas ou viver preocupado com as coisas materiais.

Além do mais, “ser discípulo de Cristo implica colocar completamente sobre o altar tudo o que o homem tem nesta vida – planos, ambições, amigos, parentes, riquezas –, qualquer coisa e todas as coisas que possam interferir com seu serviço para o reino dos céus” (COMENTÁRIO..., 1995, p. 798).

Ter o ouvido atento

Baseado no texto “Sabeis isto, meus amados irmãos; mas todo homem, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus” (Tg 1:19-20), Stott (1997, p. 118) apresenta alguns aspectos do discipulado, dentre eles o fato de que o discípulo deve ter seus ouvidos atentos para ouvir a voz de Deus, ouvir uns aos outros e ouvir o mundo.

Segundo o autor, Deus nos convida a darmos ouvidos àquilo que, por meio da Escritura, “o Espírito diz às Igrejas” (Stott, 1997). O problema é que, tal como nos dias do Antigo Testamento, as pessoas geralmente não ouvem, não podem ou não querem ouvir a Deus. Elas não estão atentas à voz do Senhor ou simplesmente se recusam a ouvi-la. Um discípulo deve estar atento à voz de Deus.

Em Romanos 10:17, Paulo afirma: “A fé vem pelo ouvir, e o ouvir da Palavra de Deus”. Assim, o discípulo deve estar atento ao que ouve, aprendendo a viver segundo a vontade de Deus

exposta em Sua palavra. Ao estudar a Bíblia, deve procurar compreender, escutar a voz de Deus, dispondo-se a obedecer (Ap 1:3).

O discípulo deve também estar atento à voz do outro. Isso não se limita à igreja: em casa, os jovens e crianças devem estar atentos à voz de seus pais, e os casais devem se ouvir; no trabalho, o discípulo deve estar atento ao seu colega. O discípulo deve estar ainda com os ouvidos voltados ao clamor do mundo, tanto daqueles que nunca ouviram falar de Jesus Cristo quanto dos pobres, famintos, despossuídos e oprimidos (STOTT, 1997, p. 123-124).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discipulado é uma entrega de vida, de submissão à vontade de Deus, de aprendizado permanente, de doação e preparo constante para o ministério da evangelização. Ao lançar as bases do discipulado cristão, Jesus procurou ensinar, pelo exemplo, que Seus discípulos deveriam segui-Lo, como modelo de fidelidade, comprometimento e entrega a Deus, e deveriam estabelecer um estilo de vida capaz de refletir o Mestre. Assim como Ele viveu, deveriam viver e produzir frutos, fazendo discípulos por onde quer que fossem.

Jesus criou, assim, um novo padrão de discipulado, ao chamar Seus discípulos para Si, para a obediência incondicional e até mesmo para sofrerem em Seu nome. Seu método de discipulado refere-se a viver uma vida de aprendizado e comunhão com Ele. Para Moore (apud BUENO, [s.d.], p. 4), “discipulado é o processo de tomar novos convertidos, educá-los e levá-los a um estado de maturidade e adulta comunhão com Cristo e de serviço eficiente na Igreja”.

Nessa perspectiva, pode-se entender que o discipulado e a evangelização caminham juntos. Não haverá uma transformação de vida se não houver discipulado, e não haverá discipulado se não existirem pessoas que, por meio da evangelização, tenham conhecido a Cristo e decidido segui-Lo.

Esse tipo de discipulado é a base para que possa ocorrer a evangelização. White (2013) afirma que unicamente o método de Cristo será capaz de alcançar êxito no processo de levar a mensagem de salvação às pessoas. E é esse método que possibilita cumprir a vontade e a meta de Deus, de pregar o evangelho a todo o mundo, testemunhar a todas as nações.

Em suma, discipulado requer a transmissão do que foi aprendido, de modo que os discípulos se tornam multiplicadores do evangelho da graça e do amor de Jesus. Como orienta o apóstolo Paulo: “E o que da minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e idôneos, para instruir a outros” (II Tm 2:2).

REFERÊNCIAS

ALLMEN, Jean Jacob Von. **Vocabulário bíblico**. São Paulo: ASTE, 2001.

BARBOSA, José Roberto A. Estudo bíblico sobre Eliseu e a escola dos profetas. **Estudos Gospel**, 2012. Disponível em: <http://www.estudosgospel.com.br/artigo-evangelico-reflexao-poesia-gospel-herois-da-fe/eliseu-e-a-escola-dos-profetas.html>. Acesso em: 22 dez. 2025.

BARROS, Ernesto Them. **O livro de Isaías: compreender as profecias**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1969.

BUENO, Luiz Augusto Corrêa. O discipulado na missão da igreja. **Monergismo**, [s.d.]. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/discipulado/discipulado_missao.htm. Acesso em: 22 dez. 2025.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Ed.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Ed.). **O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

COMENTÁRIO Bíblico Adventista del Séptimo Día. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995. Tomo 5.

DOCKERY, David S. (Ed.). **Manual bíblico vida nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

FINLEY, Mark. **Persuasão: como ajudar pessoas a se decidirem por Cristo**. Engenheiro Coelho: Gigapress, 2009.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LLOYD-JONES, David Martin. **Sermões evangelísticos**. Westminster/Sandfields: Editora PES, 1935. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/sermoes/verdadeiro_discipulado_cristao_loyd.htm. Acesso em: 22 dez. 2025.

MACDONALD, W. **O discipulado verdadeiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 1979.

MONTEIRO, Rafael Luiz. **Discipulado: caminho de renovação e crescimento para a igreja**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2004.

ORTIZ, Juan Carlos. **O discípulo**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1980.

RABEY, Steve; RABEY, Lois. **Lado a lado: um manual de discipulado**. Rio de Janeiro: Sepal, 2004.

RASO, Bruno Alberto. Hacer discípulos: mandato y recomendaciones. In: SOUZA, Elias Brasil de. (Ed.). **Teologia e metodologia da missão: palestras teológicas**. Cachoeira: CePLiB, 2011. p. 465-475.

STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2011.

STOTT, John W. R. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo: como ser um cristão contemporâneo**. São Paulo: ABU Editora, 1997.

SWINDOLL, Charles R. **Moisés: um homem dedicado e generoso**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

WHITE, Ellen G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

WHITE, Ellen G. **Serviço cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1981.